

## Comunicação Popular: uma discussão necessária

Silvia Tavares da Silva\*  
Gilclécio Lucena dos Santos\*  
Wanessa Meira de Almeida\*  
Kamyla Stéphanie Santana Lopes\*  
Patrícia Medeiros de Lima\*

**Resumo** -Nosso artigo se constitui como parte reflexiva do nosso projeto de extensão intitulado, comunicação popular e cidadania: uma experiência com a rádio alternativa Estação Nova realizado no período de julho de 2008 a julho de 2009 junto à comunidade do bairro Noé Trajano na cidade de Patos, Paraíba. Neste dialogamos com alguns autores sobre os conceitos de comunicação popular/alternativa, visto que nossa experiência junto a rádio Estação Nova situada no referido bairro a qual serviu de veículo para a nossa proposta se encaixa dentro dessa perspectiva. Assim, pensamos em discutir as dimensões que essa prática comunicacional vem assumindo ao longo de tempo, bem como, suas múltiplas reelaborações e interações com a sociedade, e como ela hoje é apropriada por algumas experiências localizadas.

**Palavras – chave:** comunicação; prática; comunicacional.

**Abstract**-Our article represents part of our reflective extension project titled: popular communication and citizenship: an experience with the alternative radio Estacao Nova that was take in the period from July 2008 to July 2009 in the community of Noé Trajano in the city of Patos Paraíba. In this, we have dialogued with some authors about the concepts of popular/alternative communication, since our experience with the Estacao Nova located in that neighbourhood, which served as a vehicle for our proposal fits within this perspective. Thus, we thought about to discuss the dimensions in which this communicative practice has been assuming over time, as well as its multiple reworking that allowed different interactions with society, and how it is now appropriate for some local experiences.

**Keywords** – communication; practice; communicative.

---

\* Profª. Ms. do Curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas de Patos – FIP.  
Silvia.hist@yahoo.com.br.

\* Aluno bolsista do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo das Faculdades Integradas de Patos – FIP. lucena\_gil@yahoo.com.br

\* Aluna bolsista do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo das Faculdades Integradas de Patos – FIP. wanessamey@gmail.com

\* Aluna voluntária do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo das Faculdades Integradas de Patos – FIP. kamylajornalismo@yahoo.com.br

\* Aluna voluntária do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo das Faculdades Integradas de Patos – FIP. paty\_jornalismo@yahoo.com.br.

“...falar de comunicação popular implica em falar de cultura, relação...”

## **Introdução**

Definir comunicação popular não é uma tarefa muito fácil e muito menos precisa, visto que existem muitas discussões e teorias que envolvem o conceito “popular”, palavra derivada de “povo”. Nesse sentido tentaremos discutir um pouco sobre a origem do termo “povo” pois acreditamos que toda a discussão de “popular” está diretamente ligada ao primeiro conceito; bem como, suas implicações e suas múltiplas abordagens. Partindo dessa discussão mais geral buscaremos perceber em que sentido se dá a comunicação popular/comunitária no contexto atual, tomando como referência a Rádio Comunitária Estação Nova, localizada no bairro Noé Trajano na cidade Patos, PB.

## **Em busca dos conceitos de “povo” e “popular”**

Segundo Peter Burke, historiador que faz um estudo profundo sobre as práticas culturais na chamada Idade Moderna, o termo “povo” teve as suas primeiras implicações ainda em meados do século XVI com a formação dos Estados Nacionais europeus. A Europa, nesse período, passava por um processo de redefinição política, econômica, territorial...e vir am como estratégia para ganhar uma maior instabilidade administrativa, a formação da Nação com um poder centralizado. Começava-se então a formação dos países que pretendiam estabelecer um território, uma língua, uma cultura, um governo comum a todos que pertenceriam a um mesmo espaço físico geográfico e conseqüentemente a um “povo”. A noção de povo teve a sua primeira designação no momento em que procurou diferenciar, de maneira geral, os vários tipos de povos que constituíam a Europa da época, ou seja, o p ovo francês, o povo inglês, o povo alemão; logo, essa implicação assumia o sentido de opor um determinado “povo” ao outro, uma noção de “povo” generalizada.

Nesse mesmo período a noção de “povo” ganhou uma outra implicação que recebeu uma conotação mais restrita. Essa tentou criar fronteiras, ou ainda, estabelecer lugares entre os grupos de pessoas que constituíam uma mesma nação. Ou seja, “povo” passou a ter também um sentido de oposição à elite de uma nação. O “povo” no sentido mais restrito é entendido como todos aqueles que não se enquadram nos moldes da erudição, da intelectualidade. Surge assim a oposição de “cultura popular” (relacionada aos grupos

considerados subalternos sem grau de intelectualidade) e “cultura erudita” (relacionados aos grupos sociais letrados).

O autor Peter Burke em sua obra *Cultura Popular na Idade Moderna* procurou desconstruir esses lugares cristalizados e através da investigação das múltiplas experiências culturais da sociedade da época constatou que havia uma interação entre os seus mais diversos grupos sociais, logo, os dois conceitos se constituem como fechados e bastante limitados por anularem as singularidades e a transitoriedade dos grupos pertencentes a uma cultura e outra. Como forma de chamar a atenção para essa problemática, Peter Burke afirma “A fronteira entre as várias culturas do povo e as culturas das elites é vaga e por isso a atenção dos estudiosos do assunto deveria concentrar-se na interação e não na divisão entre elas”.<sup>1</sup> Não só Peter Burke compreende a complexidade do termo “povo”, “popular”, como também, muitos teóricos que trabalham com essas categorias assim, Crista Berger citada por Cecília Peruzzo, corrobora com a mesma inquietação ao falar em comunicação popular e enfatiza esta como;

...uma prática em conflito (...)interclasses, mas também intraclasses, ou seja, O estudo da comunicação popular redefiniu o próprio conceito de popular, superando a versão populista e idealista, para quem povo é consciência de classe em oposição à massa despolitizada. Esta redefinição do popular permitiu pensar a diversidade e a pluralidade...(PERUZZO; 1998, 114)<sup>2</sup>

Para a professora Maria Cícilia Krohling Peruzzo, “o adjetivo popular abrange uma multiplicidade de significados diferentes, sendo consensual apenas que tem haver com “povo”. (PERUZZO,1998;116)<sup>3</sup>. Partindo desse pressuposto a autora encerra uma discussão que leva em conta o conceito de “povo”. Diferentemente de Peter Burke que, trabalha com a gênese do conceito e, sendo assim, restringe-se a dicotomia popular e erudita, Maria Cícilia Peruzzo defronta-se com um outro conceito que dá ainda mais complexidade a sua discussão, o de cultura de massa. Este último apareceu na literatura, e passou a ganhar relevância no meio intelectual, ainda no século XIX.

Para dá embasamento as suas discussões Maria Cícilia Peruzzo trabalha com algumas assertivas que considera significativas para uma possível abordagem e alargamento do conceito “povo”. Para Luiz Wanderley, “a abordagem do senso comum, entende por “povo” os que não tem recursos, posses, títulos, em contraposição, ao não povo, formados por

<sup>1</sup> BURKE, Peter. In. **A Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>2</sup> Citado por PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. In. **Comunicação nos Movimentos Populares** – a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

<sup>3</sup> Idem

empresários, profissionais liberais, intelectuais, etc”.(PERUZZO, 1998: 116)<sup>4</sup>. Uma outra interpretação é “a baseada na dicotomia elite-massa...minorias compostas por aristocratas, plutocratas e membros de organizações partidárias constituindo a elite governante ou classe política, e por outro lado a massa atomizada pela elite” (PERUZZO, 1998: 116)<sup>5</sup>. A terceira assertiva “vê no “povo” um conjunto de indivíduos iguais e com interesses comuns que conflituam apenas por pequenas diferenças...”( PERUZZO, 1998: 116). A quarta abordagem “está ligada a do nacional-popular que identifica como “povo” aqueles que lutam contra um colonizador estrangeiro, sendo o “não-povo” todos que se aliam ao colonizador” (PERUZZO, 1998:116). Uma outra assertiva significativa “é a que diz respeito a “povo” como um conceito dinâmico, aberto, conflitivo e, portanto, histórico...” (PERUZZO, 1998: 116-117)<sup>6</sup>.

Seriam estas as principais idéias que envolvem a concepção de “povo” .

Vemos que o conceito é no mínimo abstrato demais para encaixá-lo em um modelo, isso restringiria a sua complexidade e as várias realidades que este possa vir assumir, assim, nos chama a atenção Maria Cícilia Peruzzo “ ‘povo’ não tem estatuto teórico universal não se podendo, portanto vê-lo sob uma categoria de análise prefixada” (PERUZZO, 1998: 117).<sup>7</sup>

Tanto para Peter Burke, quanto para Maria Cícilia Peruzzo - mesmo que estes partam de lugares e campos teóricos diferentes - há uma grande preocupação em alargar as experiências que venham a ser definidas como práticas “populares”.

Dito isto, percebemos que a abrangência com relação ao que pode ser ou não entendido como comunicação “popular” é muito grande e ainda se mostra em plena efervescência de discussão, assim como relata Christa Berger “o significado de comunicação popular está em ser um fenômeno emergente, do povo ou com ele relacionado, comprometido com a mudança social e a transformação deste em sujeito histórico”. (PERUZZO; 1998, 123)<sup>8</sup>. Entendemos, então, que muitas experiências de comunicação que partam de iniciativas de populares sejam em bairros, favelas, lugarejos, vilas...e que expressem opiniões, desejos, anseios, diversão para essas camadas da sociedade podem representar meios de comunicação ditos “populares” e podem ser expressas através da escrita, da fala ou da imagem.

---

<sup>4</sup> Citado por PERUZZO, Cícilia Maria Kroling. In. **Comunicação nos Movimentos Populares** – a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

<sup>5</sup>PERUZZO, Cícilia Maria Kroling. In. **Comunicação nos Movimentos Populares** – a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Ibidem.idem.

<sup>8</sup> Chista Berger citada por PERUZZO, Cícilia Maria Kroling. In. **Comunicação nos Movimentos Populares** – a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Ainda John D. H. Downing, também insiste na complexidade dos conceitos como lugares cristalizados, sejam eles o de “popular” ou de massa, tanto enfatizados pela escola de Frankfurt. Ao discutir estes conceitos ele procura fazer um diálogo com Adorno e a sua visão a respeito da sua concepção de “popular”. Para John Downing a definição de Adorno se mostra como um dualismo simplista no momento em que defende a cultura popular como “uma expressão autêntica das visões e aspirações do público com inerente potencial de oposição a cultura comercializada ou de massa”. (DOWNING; 2002,34)<sup>9</sup>

A crítica feita aos seguidores da teoria dualista de Adorno, tem como ponto de partida o reconhecimento por parte de alguns teóricos que trabalham com a idéia de interpenetração entre cultura popular e cultura de massa como Jesús Martín -Babero. Segundo Downing; “ele e outros exploraram, de maneira equivalente, a noção de hibridismo/mestizaje na vida cultural, examinando a intrincada malha de capilares culturais que irrigam o corpo da sociedade”. (DOWNING,2002,p.35)<sup>10</sup>. Ainda para John Downing, a cultura popular vista em suas mais variadas formas como “politicamente saudável”, como defendia Adorno e como defende os seus seguidores, apresentam algumas lacunas ou mesmo variações que contradizem tal teoria; enfatiza o autor “a cultura popular pode ser perfeitamente elitista, racista, misógina, homofóbica e nutrir preconceitos relativos à idade, e ainda sim expressar seus valores de formas inventivas e superficialmente atraentes”. (DOWNING, 2002,p.35)<sup>11</sup>

A comunicação popular, ou mesmo a sua prática, para não nos determos apenas ao conceito, obedece a um contexto histórico, social, político, econômico, cultural, geográfico, logo ela é dinâmica, conflituosa como vimos acima. Assim as experiências acabam por redefinir a própria noção de “popular” como nos sugere a professora Denise Cogo,

a atualidade da noção de ‘popular’ entendida não como uma essência a priori, mas como configuração de estratégias instáveis, diversas e, algumas vezes, ambivalentes, como que os próprios setores populares e/ou movimentos sociais constroem seus posicionamentos na sociedade, nos faz entender que é necessário preocupar-se menos com o que se extingue do que com o que se transforma. (COGO; 2004, p.46)<sup>12</sup>

<sup>9</sup> DOWNING, John N. H. **Mídia Radical** – rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo. SENAC São Paulo, 2002.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Ibidem. Idem.

<sup>12</sup> COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: **Vozes Cidadãs** – Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e sindical na América Latina. 2004, Angellara.

Estas transformações são as que pretendemos analisar. São elas que nos fazem entender a conotação que tais meios vão adquirindo diante da sociedade como meios de comunicação popular/alternativo.

Entendemos, assim, como comunicação popular todas as práticas da área ligadas ao “povo” e se associam ao termo alternativo por serem opcionais à grande mídia; estas podem está relacionada às formas escritas, orais ou a s imagens.

### **Rádios postes: uma prática “popular”?**

Optamos neste aqui em analisar um desses meios de comunicação, ligados diretamente as práticas populares, historicamente, bastante utilizadas por vários grupos sociais para muitos fins, principalmente pelos grupos menos favorecidos. Referimos-nos aqui ao processo de comunicação que se utiliza do sistema de caixa amplificadoras colocadas em postes<sup>13</sup>, este definido por Juan Gagurevich “como sistema de amplificação que só exige para ser assim denominado, que a mensagem seja recebida por me io de um receptor que decodifica os sinais que levam uma onda portadora”. (URIBE, 2004, p.114)<sup>14</sup>.

Por tanto é um sistema de curto alcance que se convencionou usá -lo exclusivamente em praças, mercados, paróquias, vilas, favelas, escolas, colégios. Este sist ema, conhecido também como difusoras, emissoras barriais, rádios de vinzidários, rádios sem antena e rádio de poste assumem características de um meio de comunicação popular/alternativa pela inserção dentro do contexto comunitário e serem utilizados na pre estação de serviços para a comunidade local, como relata a Esmeralda Villegas Uribe “faz muito tempo o sistema de alto-falantes é utilizado para cobrir necessidades informativas e promocionais, educativas e recreativas” . (URIBE, 2004, p.115)<sup>15</sup>. Os equipamentos são bem mais em conta em relação as das rádios ditas convencionais.

O sistema de alto-falante é tratado por muitos estudiosos dessa prática como um meio de comunicação popular/alternativa ou ainda comunitária, mesmo que estabeleçam fronteiras entre os vários casos e os tratem dentro de seus contextos sociais, econômicos, históricos, geográficos, para não perderem de vista as particularidades que envolvem cada experiência.

Lembra Dawning;

---

<sup>13</sup> As caixas passaram a substituir os alto-falantes pela sua melhor qualidade de som, mesmo que a utilização dos alto-falantes ainda perdure, pois estes se constituem como uma aparelhagem mais barata que a primeira.

<sup>14</sup> URIBE, Esmeralda Villegas. Alto-falantes: Formas autônomas de expressão e de desenvolvimento local. In: **Vozes Cidadãs** – Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e sindical na América Latina. 2004, Angellara.

<sup>15</sup> Idem.

Termos como mídia comunitária ou mídia popular podem facilmente ocultar mais que revelar. São mais firmes naquilo que excluem – a mídia convencional – do que naquilo que significam (DAWNING, 2002, 75) <sup>16</sup>

Em muitos estudos os sistemas de alto-falantes aparecem como um meio popular/alternativo de comunicação, ligados, principalmente, a movimentos sociais por se constituírem como meios autônomos e por difundir uma outra visão de mundo diferente daquela propagada pelos ditos meios convencionais.

Não só no Brasil como em muitos lugares do mundo essas experiências foram e, continuam sendo colocadas em funcionamento com o intuito de desempenhar os mais diversos papéis. Esses papéis estão ligados a interesses pessoais ou grupais de se comunicar que podem ou não está intencionado a tentar mudar uma realidade local como enfatiza Cecília Peruzzo quando afirma que esse sistema foi adquirindo feições diferenciadas com o passar do tempo e enumera as possibilidades de funções que estes podem se prestar.

Primeiro, “podem aparecer vinculados à comunidade, que o administra voluntária e coletivamente, desenvolvendo uma programação baseada em informação, entretenimento e serviço de utilidade pública”;

Segundo, “pode conservar essas características, mas é dirigida apenas por uma das suas pessoas comprometidas com o bem-estar social e, sobretudo amante do rádio”;

Terceiro, “chega a colocar o sistema a serviço de melhorias na comunidade, mas seus idealizadores têm interesses particulares, almejando reconhecimento público, prestígio e emprego nas grandes emissoras”;

Quarto e último, “é o que visa primordialmente ao lucro, usando o meio para a veiculação de anúncios e outras formas de patrocínio” (PERUZZO, 1998, 159).<sup>17</sup>

Vemos que estas experiências são autônomas e podem estabelecer as mais diversas relações com a comunidade a quem suas programações são dirigidas, relações estas que podem variar desde a simpatia com estas práticas até a total apatia por parte dos seus “ouvintes”.

A autonomia das difusoras, talvez, seria o seu lado mais positivo para sua utilização com fins educativos e de integração entre os membros da comunidade que façam mão desse meio

---

<sup>16</sup> DOWNING, John N. H. **Mídia Radical** – rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo. SENAC São Paulo, 2002.

<sup>17</sup> PERUZZO, Cicilia Maria Kroling. In. **Comunicação nos Movimentos Populares** – a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

para propagar idéias e projetos que visam o bem comum e o desenvolvimento local. Assim indaga Cicília M. Krohling Peruzzo:

As pessoas, ao participarem de uma práxis cotidiana voltada para interesses sociais mais amplos, acabam inseridos num processo de educação informal que contribui para a elaboração, reelaboração das culturas populares e a formação para a cidadania. (PERUZZO)<sup>18</sup>

Por estarem, geralmente, inseridas dentro de localidades pequenas – bairros, vilas, etc – esses meios podem transformar-se em uma arma poderosa na organização de movimentos culturais e educativos voltados a todos da comunidade. A proximidade entre os moradores, o reconhecimento entre um número considerável de pessoas com o espaço das suas vivências diárias, são pontos favoráveis no processo de comunicação que esses meios populares venham a desenvolver. Entendemos que essas características facilitem o acesso e a participação mais efetiva da comunidade. A prática da comunicação comunitária bem administrada pela os próprios moradores da comunidade, pode tornar-se uma prática inerente às relações cotidianas desses que passam a dividir, somar opiniões de uma forma mais democrática e pluralista. Assim os grupos populares passam a ser os sujeitos do processo comunicativo com o poder de transformar o seu próprio espaço físico, bem como, suas relações com os outros meios midiáticos, no momento em que passam a entender sua participação, nos meios de comunicação como algo de fundamental importância para um desenvolvimento social mais igualitário. A visão crítica da realidade seria um dos pontos a ser despertados a partir dessas práticas. Segundo Peruzzo;

Torna-se cada vez mais aceita a noção de que a formação cultural dos seres humanos nas sociedades contemporâneas passa muito pelas mediações do cotidiano marcadas por um contexto de complexidade. Mediações que ocorrem através da comunicação interpessoal, grupal e massiva e que se ampliam com a implementação de novas tecnologias. (PERUZZO)<sup>19</sup>

Não podemos negar que há uma forte influência das mídias convencionais no comportamento social, econômico e cultural das pessoas de todos os grupos sociais, negá-la seria um erro. Não há como excluí-la da vida das pessoas, a tentativa seria no mínimo um ato arbitrário. O Pluralismo está justamente no reconhecimento das interações entre as várias

<sup>18</sup> Artigo – Comunicação Comunitária e Educação para a cidadania – extraído do site: <http://www.metodista.br>. Acessado em 27/11/2002.

<sup>19</sup> Citado por Peruzzo no artigo – Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania – extraído do site: <http://www.metodista.br>. Acessado em 27/11/2006.

mídias e das diferentes leituras que se fazem dela. O objetivo que os meios de comunicação popular/alternativos devem procurar atingir é a diminuição das disparidades que há entre uma e outra, no que diz respeito à submissão que a primeira, a todo tempo, impõe em detrimento da segunda.

As mídias ditas convencionais encontram-se, ainda, nos países em via de desenvolvimento e, isso inclui os países latino-americanos, nas mãos de grupos minoritários. Às elites pertencem os principais veículos de comunicação que são colocados a disposição dos seus interesses, principalmente, aos políticos e econômicos. Esse quadro reflete a problemática das desigualdades sociais que esses países vivenciam desde os seus primeiros anos de colonização.

Negar as mídias convencionais em detrimento das mídias popular -alternativas seria inverter o autoritarismo que há tempos é imposto pelas elites. Assim como a cultura a “popular”, a cultura “erudita”, e por que não a cultura de massa são indissociáveis - como vimos com alguns autores – as mídias convencionais e as mídias populares também o são. Se partirmos do pressuposto que a comunicação está para a sociedade assim como a sociedade está para a comunicação entendemos que há, nesse sentido, uma intermediação, uma inter-relação, entre os múltiplos grupos sociais na prática da comunicação seja ela em que instância for.

A comunicação deve ser entendida como um processo que se realiza de muitas maneiras, a partir de vários meios. Seguimos aqui a idéia de Berlo David K., citado por Luis Beltrão, diz ele;

Ao aceitarmos o conceito de processo, entendemos que os eventos e as relações são dinâmicas, em marcha, mutáveis, contínuos...como ingredientes dentro de um processo recíproco; uns afetam os outros...não se pode falar do começo ou do fim da comunicação ou dizer que numa idéia particular venha de uma fonte específica, ou que a comunicação se produza num só sentido e assim por diante.(BELTRÃO, 1981, P.10)<sup>20</sup>

O que se deve atentar nas práticas de comunicação é como elas são processadas, aos interesses de quais grupos sociais elas atendem, quais as propostas, metodologias e objetivos cada meio se propõe a realizar? Como um se apropria do outro e como essa apropriação é transformada em mensagens para os seus respectivos receptores?

---

<sup>20</sup> BELTRÃO, Luís Ramiro. **Adeus Aristóteles**: comunicação horizontal. In: Revista Comunicação e Sociedade, n 6, Cortez Editora, 1981

Subtende-se que a comunicação popular/alternativa propicie um processo comunicacional bidirecional ou horizontal, oposto aquele unidirecional e vertical, praticados durante muito tempo pelos meios midiáticos comandados pelas elites. As mídias populares, em grande parte de suas experiências são consideradas como meio de comunicação horizontal, por apresentarem três aspectos: o acesso, o diálogo e a participação da comunidade as quais estão inseridas. Esses três aspectos, segundo Luís Ramiro Beltrão, são fundamentais para o processo livre e igualitário da comunicação legitimados pela seguinte estrutura da comunicação: direitos-necessidades-recursos. Ele entende tais pontos da seguinte maneira;

O acesso – “é a pré-condição da comunicação horizontal. Pois sem que as pessoas tenham oportunidades semelhantes para a recepção de mensagens, não pode haver interação social democrática”. (BELTRÃO, 1998, p. 33)<sup>21</sup>

O diálogo – “é o eixo da comunicação horizontal porque, se o objetivo é a genuína interação democrática, todas as pessoas deveriam ter oportunidades semelhantes para emitir e receber mensagens com o propósito de se evitar o monopólio da palavra no monólogo”. (BELTRÃO, 1998, p. 33)<sup>22</sup>

A Participação – “é a culminação da comunicação horizontal porque, sem oportunidades semelhantes para todas as pessoas de emitir mensagens, o processo continuaria a ser governado pela minoria”. (BELTRÃO, 1998, p. 33)<sup>23</sup>

As mídias popular/alternativas são possibilidades que os grupos sociais menos favorecidos lançam mão para “fortalecer as suas capacidades de expressão, legitimar seus discursos” como defende Esmeralda Villegas Uribe, bem como, garantir os seus direitos de participação e cidadania.

### **Algumas considerações sobre nossa experiência com a Rádio Alternativa Estação Nova**

Diante da nossa compreensão de tudo o que foi exposto tentamos, a partir do nosso projeto de extensão, desenvolver uma grade de programação na rádio Estação Nova, localizada no bairro Noé Trajano na cidade de Patos, Paraíba, no intuito de devolvê-la seu papel de rádio comunitária no sentido de propor a interação desta com a população local. A

---

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem. Ibidem

<sup>23</sup> Idem. Ibidem

rádio que funciona no bairro a mais de dez anos a algum tempo não exercia o seu caráter comunitário o qual foi idealizada pelos seus fundadores. Como parte dos objetivos do nosso projeto, durante um ano produzimos e executamos o programa “Comunidade em Ação”, que ia ao ar quinzenalmente sempre as quartas-feiras, programa este voltado para assuntos de interesse direto da comunidade. Este era dividido em três blocos: dois de notícias em que eram apresentadas matérias informativas que primavam por assuntos locais, principalmente, aquelas relacionadas aos bairros Noé Trajano e Jardim Europa por fazerem parte do raio de alcance da rádio Estação Nova, e um bloco de entretenimento voltado a divulgar a vida e a obra de um artista local.

O trabalho desenvolvido junto à rádio nos possibilitou um convívio com aquelas comunidades no qual buscamos operacionalizar, através de aplicação de questionários, uma programação de interesse da mesma. Tentamos assim proporcionar a interação das comunidades Noé Trajano, Jardim Europa e comunidades circunvizinhas para com aquele meio no sentido dos populares lançarem mão do mesmo como um lugar de resistência, de luta, de reivindicação, de participação.

O processo pro nós realizado junto aqueles comunidades não se deu sem algumas dificuldades. Provocar o sentimento de identificação dos moradores locais com aquele veículo, talvez tenha sido o nosso maior desafio. Entendemos que esse sentimento que havia se perdido a algum tempo não se recupera em pouco tempo, mas a nossa intenção era, pelo menos, despertar o interesse de alguns moradores em continuar desenvolvendo uma programação dentro de uma proposta comunicacional alternativa voltada aos interesses dos mesmo.

Acreditamos também que a experiência para a equipe foi importante, pois proporcionou não só o convívio com um meio alternativo de comunicação – para alguns dos alunos uma novidade - mas também, possibilitou aos mesmos o exercício da produção de matérias para o sistema radiofônico de uma forma interativa e responsável, visto que estiveram comprometidos com uma programação de caráter de prestação de serviço, educativa e lúdica voltada para aquela população local envolvida com o nosso projeto.

Mesmo que nem todos os objetivos do nosso projeto tenham sido atendidos, devido os impasses que traçaram nossa experiência junto a rádio e a comunidade, ficou a satisfação de termos tentando e desenvolvido, mesmo com algumas dificuldades, muitos dos nossos anseios para com aquelas comunidades.

### Referências bibliográficas

- BELTRÃO, Luís Ramiro. **Adeus Aristóteles**: comunicação horizontal. In: Revista Comunicação e Sociedade, n 6, Cortez Editora, 1981.
- BORDENAVE, Juan e. diaz. **O que é participação**. São Paulo: editora brasiliense, 1986
- BURKE, Peter. In. **A Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- COGO, Denise. In: **Vozes Cidadãs** – Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e sindical na América Latina. 2004, Angellara.
- DOWNING, John N. H. **Mídia Radical** – rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo. SENAC São Paulo, 2002.
- PERUZZO, Círcia Maria Kroling. In. **Comunicação nos Movimentos Populares** – a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- URIBE, Esmeralda Villegas. In: **Vozes Cidadãs** – Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e sindical na América Latina. 2004, Angellara.